



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

UMA REFLEXÃO SOBRE AS AÇÕES DE REPRESENTAÇÕES ESTUDANTIS: TRANSFORMAÇÕES PARA UMA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA

DAIANE SOARES SANTOS

GLASSUEDE VENESA DOS SANTOS SILVA

LUCIENE MATOS DE SOUZA

EIXO: 13. CURRÍCULO ESCOLAR, GESTÃO, ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Resumo: A presente pesquisa resulta do trabalho de observação e participação com os representantes de turma, desenvolvido pela equipe do PIBID subprojeto Pedagogia, linha de ação: gestão pedagógica- Ensino Médio, com a participação da coordenação pedagógica, na qual teve como campo de pesquisa o Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, Jequié/Bahia. Utilizamos como metodologia a pesquisa-ação, que envolve sempre um plano de ação com intervenção. Neste texto, discorreremos sobre o processo histórico dos movimentos estudantis, bem como discorreremos a importância dos líderes de classe como fomentador de uma gestão democrática e participativa. Assim, discutiremos a partir das entrevistas dos representantes de classe, o papel dos gestores no reconhecimento destes líderes, possibilitando os mesmos a terem autonomia e tomadas de decisões.

Palavras- chave: Representações Estudantis; Autonomia; Gestão democrática.

Abstract: The present research results from the observation work and share with the class representatives, developed by the subproject Pibid Education staff, course of action: management pedagógica- High School, with the participation of teaching coordination, which had as a research field Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, Jequié / Bahia. We used as a methodology a kind of search, which always involves a plan of action with intervention. In this text, we write about the historical process of

student political movements, and we discuss the importance of class leaders as developers of a democratic and participative management. So, we discuss the interviews of the class representatives, the role of managers in recognition of these leaders, enabling them to have autonomy and decision making.

Key words: Student Representations; Autonomy; Democratic management.

Introdução

A presente pesquisa traz uma breve abordagem sócio histórico sobre as representações estudantis nas escolas, e de forma específica no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães-Jequié/BA, onde vivenciamos e desenvolvemos ações com os líderes de classe, sobretudo na perspectiva de mostrar a importância da representação estudantil, para a transformação da gestão escolar, pautada na participação democrática de todos. A medida que as ações foram realizadas, passamos a questionar como o papel do coordenador pedagógico é pode mediar promover gestão democrática e participativa na escola?

E como as ações de líderes de classe oportunizam ao desenvolvimento da autonomia dos estudantes dentro das ações no ambiente escolar?

Neste sentido, durante a realização de rodas de conversas e reuniões com os líderes de classes, grêmio estudantil e colegiado escolar, analisamos os níveis de participação das turmas do matutino e vespertino, onde discutimos três dimensões (Pedagógico, administrativa e relacional) propostas e encaminhadas pela secretária de educação, no intuito de promover aos representantes um direcionamento para a organização de suas ações.

Ao analisar essas discussões na escola, observamos que se trata de uma inovação na prática pedagógica da coordenação, em promover ações que proporcionam o desenvolvimento da autonomia dos educandos (as), por favorecer aos mesmos a oportunidade de questionar, solicitar, e desenvolver ações junto a gestão da escola, tanto no âmbito administrativo quanto pedagógico, podendo compartilhar experiências com outros colegas, e dialogar novas ações para a promoção da qualidade do ensino.

Inclusive nesse mesmo dia a representante do Núcleo Regional de Educação (NRE), em reunião na unidade escolar discutindo sobre o processo de recuperação paralela, abordou relevância desse procedimento, informando as normas que os professores devem cumprir quanto aos instrumentos de avaliação, e pontuou a importância dos líderes de classe no sentido de acompanhar o desempenho da turma, se envolver nas tomadas de decisões, e principalmente desenvolver uma liderança coletiva.

Em consonância, a coordenação presente nas reuniões, fez inferências sobre a importância dos líderes, terem compromisso e responsabilidade, nas decisões realizadas de forma coletiva, no reconhecimento do papel do líder de classe dentro da escola, como promovedor de processos democráticos, formação de liderança e na organização e efetivação dos planos de ações.

Dessa forma, no mês de outubro de 2015 iniciamos o processo de preparação para as reuniões com os líderes de classe, quando elaboramos um plano de ações a serem desenvolvidas mediante as reuniões didáticas, no intuito de explicar as funções a serem exercidas pelos líderes, tendo assim, um caráter formativo e emancipador. Organizamos reuniões com slides, dinâmicas de apresentação, músicas, distribuição de mensagens e roda de conversa.

Nesta perspectiva, nos dois encontros com os líderes de classe, foi possível perceber o quanto estava sendo significativo e prazeroso, pois a participação de ambas as turmas, com sugestões e dúvidas para compor o plano de ações de cada uma a ser desenvolvido na escola, contemplava o reconhecimento da gestão, a relação professor-aluno, o compromisso e autonomia para as tomadas de decisões junto a todos da escola.

As dinâmicas contribuíram bastante com as reuniões e percebemos que o objetivo foi atingido. Observamos os líderes do turno vespertino que se comportaram de forma mais passiva, mas não desinteressada, e o turno matutino comportou-se com muitos questionamentos, principalmente em relação ao comportamento e posicionamento de alguns professores.

Em função destas inquietações e reflexões, discutiremos nesse texto a história de construção dos movimentos estudantis, e das mudanças ocorridas ao longo dos anos. Neste processo nos perguntamos por que hoje a Secretária de Educação traz como obrigatórias eleições para representações estudantis?

Já que numa perspectiva democrática deveria ser algo espontâneo das salas?

No entanto compreendemos esta obrigatoriedade como forma de promover a participação ativa dos discentes e também na articulação de uma gestão democrática participativa nas escolas.

Neste pensar, incluiremos trechos de relatos dos representantes de turma do Colégio Modelo de Jequié-BA, evidenciando na fala de cada um a importância dos estudantes reconhecerem os seus direitos e terem autonomia nas escolas.

Para tanto este texto está dividido em duas partes. Na primeira, discorreremos sobre a história dos movimentos estudantis, quando utilizamos como arcabouço teórico, SANFELICE, J.L. IN GROppo, L. A; ZAIDAN-FILHO, M; MACHADO, O. L (2008), SANTOS (2009) Carvalho- Progestão Módulo V (2001), Alves (2005), entre outros.

E na segunda parte, incluiremos os relatos dos representantes de turma da referida escola, e apresentaremos a importância e o papel do coordenador pedagógico na realização dessas ações. E por último, as considerações finais.

Metodologia

Por fazer parte de um processo de pesquisa e intervenção utilizamos a pesquisa-ação, mediante um trabalho de observação participante e entrevista semiestruturada, pois como defende ANDRÉ (2009, p. 28), a pesquisa-ação envolve sempre um plano de ação, plano esse que se baseia em objetivos, em um processo de acompanhamento e controle da ação planejada e no relato concomitante desse processo.

Tivemos como campo de pesquisa o Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, Jequié-BA, onde observamos, participamos e organizamos o plano de ações com os líderes de classes, pois de acordo com André (2009, p. 24) “A observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado”.

Dessa forma, utilizamos também a pesquisa bibliográfica, na qual tivemos estudos com aportes teóricos sobre a temática, considerada por (MORESI, 2003, p.10), como “o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas e jornais e redes eletrônicas, isto é material acessível ao público em geral,” no intuito de subsidiar o tema abordado.

Fundamentação teórica

2.1 O movimento estudantil uma construção sócia- histórica

O movimento estudantil tem um legado histórico de luta para a aquisição dos seus direitos e na busca de construção de autonomia nas escolas. De modo que através dessas mudanças acontecidas foi possível o aluno ter ‘voz’ e escolhas dentro das instituições de educação, pois anos atrás época da ditadura no Brasil, os estudantes eram oprimidos e restritos dentro da sala de aula e o professor era apenas um reprodutor do conhecimento, na função de cumprir tarefas.

Neste sentido, as representações estudantis, de forma específica, a função do líder de classe na sala de aula no período da ditadura no ano de 1964 à 1979 era um representante de turma temido pelos colegas da classe, pois a sua tarefa estava restrita apenas o de delator, ou seja, não tinha um compromisso com todos, o estado também não estava interessado em incentivar os jovens a

terem a liberdade de expressão.

Em contrapartida a isso, no momento atual o líder de classe desenvolve funções específicas: de ter o compromisso e responsabilidade de atender a sua turma e saber das demandas da mesma, passando informações para os gestores da escola, bem como acompanhar o processo de tomadas de decisões que envolve os interesses da turma, conhecer os professores e sua prática pedagógica, estabelecendo uma relação professor-aluno.

A história do movimento estudantil no Brasil, principalmente na ditadura, na qual os estudantes foram torturados, tinham presente interesses políticos com a formação de grandes líderes, estes divergiam dos outros grupos de esquerda. É o que aborda Santos (2009) sobre as principais ações do movimento estudantil no período da ditadura militar, para ele:

O ME-Movimento Estudantil durante os “anos de chumbo” foi alvo da repressão e dos partidos e organizações políticas de oposição. O PCB no início dos anos 60 tinha um considerável número de estudantes entre seus quadros. Quando do golpe militar de 1964 e da crise no comunismo mundial devido ao relatório de Nikita Krushev, o ME passou a se distanciar do PCB principalmente após o surgimento das cisões que deram origem a outras organizações (SANTOS, 2009, p. 104).

Para tanto, a autora salienta a importância das conquistas dos estudantes no período de muita repressão, e das ideias que divergiam contra os militares, e uma das reivindicações da época foi para que estabelecesse uma reforma universitária e o termino de acordos com MEC-USAID. Estes acordos visavam uma educação igual ao modelo americano, ou seja, tecnicista para uma formação de trabalhadores.

Nesse modelo de educação os estudantes não tinham direitos de acompanhar decisões na escola, pois era uma visão tecnicista, na qual a formação era apenas para setores de trabalho que visavam a produção de profissionais numa determinada fábrica, indústrias.

Além disso, nos anos de chumbo, época da ditadura militar no ano de 1964, os integrantes dos Movimentos Estudantis foram perseguidos, exilados e até torturados. Mas no decorrer da ditadura, o ME também teve ações de combate, como: reformas universitárias, fim de acordos MEC-USAID. De acordo com Santos (2009) a luta do movimento estudantil durou anos, com grandes conquistas, como afirma o autor:

A luta estudantil contra a ditadura militar se intensificou em 1966, ano em

que foi decretado pela UNE em 22 de setembro o Dia Nacional de Luta contra a Ditadura. Os estudantes saíram em passeata pelas ruas em vários estados brasileiros sendo violentamente reprimidos (SANTOS, 2009, p.105).

Este histórico nos faz pensar na dimensão da importância da participação efetiva dos discentes no processo de desenvolvimento da autonomia dos mesmos e da promoção e efetivação de uma gestão escolar democrática participativa tendo implicação de uma sociedade como um todo.

2.1 O papel do coordenador pedagógico como fomentador do processo democrático e participativo

Pós as eleições para líderes de classes, organizamos uma roda de conversa com os representantes de turma, na qual vivenciamos momentos de trocas de saberes e aprendizagens e discutimos assuntos como: o planejamento das ações no âmbito pedagógico, administrativo e relacional, ou seja, dentro de cada dimensão enfatizamos a importância do trabalho ser integrado com a direção, coordenação e demais funcionários da escola.

Dessa forma, visando contribuir para uma gestão democrática e participativa, por ser uma ação inovadora, sobretudo de promover a autonomia dos educandos quando os mesmos participam e propõe encaminhamentos nas decisões da escola. De modo que ao analisar o envolvimento e tomadas de decisões na reunião, percebemos a necessidade de ter liderança e a saber direcionar, pois é muito importante que aprendam a ter a responsabilidade e compromisso com a tarefa assumida.

De acordo com Carvalho (2001, p. 40), discorre sobre o processo democrático e participativo nas escolas, afirma que: 'A escola é um lugar de diversas formas de expressão, onde agem interesses que se opõem – ora para padronizar, ora para estimular o diferente, gerando, muitas vezes, atitudes e comportamentos contraditórios'. O autor nos traz reflexões pertinentes sobre a importância da escola promover ações que oportunizem os alunos a terem autonomia nas tomadas de decisões. Em consonância a isso, a coordenadora pedagógica presente também na reunião, relatou sobre os processos que envolve a liderança entre estes: o planejamento necessário para os líderes e vice-líderes, evidenciando a importância de ambos trabalharem juntos e cumprimento das normas internas do colégio. Dessa forma, foi possível perceber durante o andamento da reunião as inferências dos alunos das turmas do vespertino, abordando aspectos que define um perfil de um líder de classe e suas expectativas para a efetivação das ações.

Na oportunidade realizamos dinâmicas com a finalidade de refletir sobre o autoconhecimento do

grupo, buscando mostrar a importância de cada um na turma e também para que pudesse ser um momento de aprendizagem com o lúdico.

Nesta perspectiva, com as turmas do matutino realizamos a mesma roda de conversa, com uma quantidade maior de estudantes, na qual destacamos de forma diferente o nível de participação, como afirma Luck (2011), as variações de participação dependem também do envolvimento e sentido, ou seja, as formas de participar são muitas, como presença, e representação. Mas a participação deve implicar no processo global, visando o político e o social, a intencionalidade que tange cada espaço.

Dessa forma, os estudantes que estavam na reunião evidenciavam uma ampla consciência sobre o papel dos representantes das turmas nas decisões do coletivo, ao discutirem sobre as práticas pedagógicas dos professores, os componentes curriculares, os destaques das turmas que tiveram bom desempenho na feira de ciências. Percebe durante as inferências das turmas do matutino, o nível de maturidade e competência, que destaca um perfil para líderes de classe, ou seja, nos relatos dos discentes foi possível analisar a importância da coordenação e demais profissionais da escola, em promover e incentivar os mesmos a terem autonomia nas tomadas de decisões coletivas.

Mostrando que o trabalho da coordenação pedagógica, é de grande relevância para a efetivação do planejamento, orientações pedagógicas, que favorecem na aprendizagem e desenvolvimento desses alunos, no incentivo a autonomia, oportunizando esses educandos (as) voz ativa nos processos democráticos. Neste sentido, observei que a construção desse trabalho pedagógico da coordenação, é notável quando tem o acolhimento desse aluno, no atendimento individual e coletivo com os pais e no trabalho com a equipe docente.

Essa ação foi muito significativa, pois evidenciou o trabalho da coordenação junto a equipe Pibid, procurando trazer a participação dos discentes para as decisões na escola, fazendo os mesmos refletirem sobre a sua formação, evidenciando a importância do papel dos gestores, professores, alunos e demais componentes fazerem parte e se sentirem contemplados nas tomadas de decisões na escola, ou seja, mostrando a integração do trabalho coletivo em prol do democrático e participativo.

1. Reflexões dos líderes e vice-líderes de classe:

No intuito de ampliar as discussões e analisar o entendimento que essas lideranças tinham a respeito desse processo democrático e participativo, realizamos entrevista com alguns líderes e vice-líderes de classe. Entre estas, quais contribuições que a liderança pode deixar de legado para

a escola, considerando que a gestão democrática e participativa é uma realidade nova na escola? Kamilla do 1º ano vespertino ressalta o vínculo de confiança entre os colegas da turma e a equipe gestora, para ela:

O principal legado que a liderança pode deixar, é a união entre os alunos da sala, mas também uma união com a direção da escola e aí acaba criando laços tanto entre os alunos, quanto a própria escola e isso é importante, ter uma pessoa que possa contribuir com as decisões junto aos outros colegas e uma pessoa que a direção possa confiar para dar informações, e que passe confiança entre ambos (Kamilla 1º Vespertino).

Enquanto Mateus do 2º ano vespertino e Seltom 3º ano A vespertino pontua respectivamente, a importância do líder de classe na mediação de conflitos entre os colegas e a relevância de ter uma representação da classe junto as decisões da equipe gestora.

Então! uma das primeiras contribuições é trazer o conhecimento para a direção e alguma característica específica ou gerais da sala, porque o líder vive no cotidiano com a sala, problemas específicos que podem ser sancionadas sem o coordenador, professor ou diretor e dessa forma pode ajudar junto à direção e coordenação na mediação de conflitos, ou seja, ajudando a solucionar alguns problemas (Mateus 2º A Vespertino).

São novos modelos, uma nova visão para os estudantes que mostra também não só o lado discente. Mas também o docente. E essas mudanças podem se prolongar como projetos, coisas que não podem ser resolvidas no momento. Mas geram ideias para um futuro, em curto ou longo prazo, então a importância da liderança, é a sala ter um representante que esteja frente às decisões junto à direção da escola (Seltom 3º A Vespertino).

Já Ayala Bacelar, do 2º ano Matutino, em seu depoimento, reforça a importância da participação dos líderes na tomada de decisões na melhoria do processo pedagógico, quando diz: "Com a gestão democrática podemos ter a participação dos alunos junto à equipe gestora de coordenação, para juntos entrarmos em um consenso a um único objetivo de melhoria (Ayala Bacelar 2º Matutino)".

O que observamos com essas reflexões é que, os líderes compreendem esse processo de liderança como auxiliadora da Gestão e reconhece a importância desta ação, mas não citam o processo

histórico de conquista dessa participação. Nesta perspectiva, esses relatos é que tornam evidenciado a relevância do papel dos gestores como possibilitadores do democrático e participativo, quando oportunizam aos discentes, autonomia e o reconhecimento dos mesmos na organização e estruturação da escola. Como bem afirma Carvalho (2001), trazendo a seguinte reflexão:

No convívio democrático dentro da escola, é necessário valorizar a cultura à qual o grupo pertence e ir além dessa cultura, dando oportunidade aos alunos de ter acesso gradativo ao saber em âmbito regional, nacional e universal. Como fazer isso?

Estimulando a produção e a utilização de várias formas de expressão, linguagens, conhecimentos históricos, sociais e científicos, cuidando, ao mesmo tempo, da autonomia intelectual e moral do aluno, de tal forma que sua capacidade crítica e criadora possa ser constantemente estimulada. (CARVALHO, 2001, p. 8).

Apesar de constatarmos que, mesmo havendo um trabalho desenvolvido pela coordenação e com o apoio dos docentes e equipe PIBID Gestão, por vários meses em diversos momentos e espaços, tratando sobre o processo das representações estudantis, o resgate histórico não foi bem trabalhado, por consequência dessa inobservância, houve um certo esvaziamento de sentido, pois no decorrer das ações com os alunos, percebemos a falta da divulgação das campanhas, na composição das chapas, falta de incentivo dos professores e por parte dos alunos também. Contudo, nos relatos de alguns líderes e vice-líderes entrevistados, foi possível analisar que os mesmos se sentem importante com o seu papel de representante da turma e nas suas funções que proporciona compromisso e liderança e significação desta ação para uma apropriação e desenvolvimento da autonomia estudantil.

Ao serem questionados sobre como se sente exercendo o papel de liderança?

Kamila, aluna do turno vespertino, respondeu que se sente bastante importante e valorizada como expressa a sua fala “Me sinto bastante importante, não é qualquer pessoa que pode estar à frente de uma liderança, pois ele tem que cumprir sua palavra e que vai representar a sala e a escola”.

Já Matheus e Seltom, privilegiados e honrados por ser considerados referência positivas para os colegas:

Me sinto privilegiado, porque me veem como exemplo, uma pessoa de confiança pra poder liderar a sala, pois quando alguém escolhe um líder,

analisa alguns aspectos como: exemplo, responsabilidade, comprometimento, então quando acontece a votação as pessoas observam essas características (Mateus 2º A Vespertino).

Me sinto honrado, por saber e por ser eleito, da confiança que a turma da minha sala tem sobre mim, e por saber que eles me veem capaz de ser o representante da turma, disponibilizar as dúvidas deles, as ideias mediante a todos (Seltom 3º A Vespertino).

Enquanto Ayala, pontua a gratidão por ser considerada referência de compromisso para os colegas e também para a equipe gestora, quando diz sentir-se “[...] *grata por ter sido escolhida para representar a turma do 2º ano D pelo fato de ter um comprometimento com a equipe gestora e colegas (Ayala Bacelar 2º Matutino)*”.

Em relação à identidade dessas lideranças, observamos que todos compreendem esse processo de forma honrosa e satisfatória, se reconhecem como importantes mediadores entre a classe e a Gestão escolar. Neste sentido percebemos o quanto é fundamental a equipe gestora e pedagógica promover a participação efetiva dos segmentos escolares e de forma especial dos discentes no processo pedagógico e gestor como um todo. Isto é o que nos confirma Carvalho (2001):

É dever da escola desenvolver o sentido da individualidade e da identidade do aluno, o que se faz por meio da participação no processo social, na assimilação cultural e no desenvolvimento de valores e atitudes. Nós nos construímos como pessoas iguais e, ao mesmo tempo, diferentes de todas as outras. É preciso ampliar o conhecimento nas diferentes áreas, tendo em vista a relação com o outro, as questões políticas mais amplas, a saúde coletiva, o meio ambiente (CARVALHO, 2001, p. 8).

Além de outras ações que vêm sendo desenvolvida pelo Colégio Modelo/Jequié-BA, o trabalho de mobilização e organização, oportunizou esse sentimento de pertencimento, quando a coordenação pensou em diversas estratégias para contemplar a participação estudantil, nas ações que oportunizaram os mesmos a construírem autonomia. Desse modo, Carvalho (2001), nos faz refletir acerca das novas formas de organização da escola, afirmando que:

Historicamente, a forma de organização da escola tem sido marcada pela necessidade de ordem, regras, silêncio, imobilidade, horários padronizados,

fila. Procuram-se a homogeneização, a docilidade, a submissão à ordem e à autoridade. Essa é a visão conservadora de escola. Felizmente, essas práticas têm se alterado com outras formas de organização da escola, marcadas pelo exercício da capacidade de pensar, pelo estímulo às atividades pedagógicas que permitem a dúvida e o erro construtivo, a experimentação e o reconhecimento das diferenças (Carvalho, 2001, p. 45).

Ao longo da história as escolas não oportunizavam a participação estudantil, viemos de um processo ditatorial em que a liderança estudantil tinha outra configuração, em que essa liderança era exercida sobre forte coerção. Hoje, a própria Secretaria Estadual de Educação contempla essa participação, porém é questionável em que sentido essa participação é realmente efetiva?

Percebemos no momento da seleção para os líderes de classe que muitos alunos ficaram apáticos a esse processo participativo, um direito adquirido e ainda desvalorizado, talvez devido à falta de consciência política, a desilusão pela política partidária e também a falta do exercício participativo. Ao longo dos tempos nos condicionaram a obedecer e seguir regras sem questionamentos, a família, a escola que são algumas instituições importantes na nossa formação cidadã, sempre contribuíram para essa passividade.

Por vezes o autoritarismo pode estar oculto em atitudes impessoais – por exemplo: “Não é que eu queira, mas...” –, como se a pessoa estivesse seguindo normas abstratas, que não foram estabelecidas por ninguém. É típico de quem diz valorizar a independência, o diálogo e a liberdade, assumindo, porém uma postura autoritária. Além disso, a escola tende a reproduzir, na organização de seu trabalho, as relações que correm na própria sociedade, com suas contradições (Carvalho, 2001, p. 40 e 41).

Na realidade, essa configuração escolar é uma prática inovadora e ainda está em processo de adaptação, alguns espaços escolares estão sendo implementados com maior afinco e em outros, ainda passam despercebidos essa necessidade de reformulação da Gestão. A Gestão Democrática e Participativa ainda é muito recente, ou seja, ela se encontra em um processo, em movimento.

3 Considerações Finais

Assim, foi possível perceber com o desenvolvimento desta pesquisa, a importância dos discentes conhecerem o processo histórico que concebe o papel do líder de classe na escola, pois no decorrer das ações analisamos com a participação de ambas as turmas, um nível de participação diferente,

de modo que na turma do matutino os discentes interagiram mais com sugestões quanto a prática pedagógica do docente, a didática, da relação professor- aluno. E ao longo dos relatos da turma vespertino, que pontuaram a relevância do líder de classe para o processo democrático e participativo nas escolas.

Os representantes entrevistados durante os seus relatos, nos mostrou que o papel da gestão é muito importante nesse processo do democrático e participativo, pois é uma inovação na organização da escola, o desenvolvimento dessas ações. De modo que, ao analisar durante esses meses que aconteceram as eleições até o momento da efetivação, percebemos o papel da coordenação pedagógica como promotora de uma gestão democrática e participativa. Nesta perspectiva, o referido colégio vem oportunizando aos discentes a se reconhecerem como sujeitos autônomos, que saibam direcionar com responsabilidade e compromisso a sua liderança.

Com a realização dessas entrevistas, notamos o quanto é necessário pensar, refletir e discutir sobre a importância de se ter uma gestão pedagógica e participativa numa escola, que priorize a aprendizagem significativa dos educandos, quando possibilita os mesmos a terem pertencimento com a escola, a se reconhecerem enquanto líderes e que saibam dos seus direitos para poderem discutir junto a escola.

Essas ações contribuíram para despertar novos olhares sobre a realidade escolar, de maneira que nós, como futuras pedagogas possamos refletir sobre a importância de uma gestão participativa e democrática, e da sua promoção nas instituições educacionais.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. D. Etnografia da Prática Escolar. 16^o. ed. Campinas: Papirus, v. 1, 2009.

CARVALHO, Maria Celeste da Silva. Progestão: como construir e desenvolver os princípios de conveniência democrática na escola?

módulo V / Maria Celeste da Silva Carvalho, Ana Célia Bahia Silva; coordenação geral Maria Aglaê de Medeiros Machado. – Brasília: Consed – Conselho Nacional de Secretários de Educação, 2001.

Disponível em:

<http://>

[www.](http://www.marilia.unesp.br)

[marilia.unesp.br](http://www.marilia.unesp.br)

[/Home/RevistasEletronicas/Aurora/SANTOS.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/SANTOS.pdf)

.

Acessado em 16 de março de 2016, às 17 h 27 min.

SANFELICE, J. L. A UNE e a Ditadura Civil-Militar de 1964. In: GROPPPO, L. A.; ZAIDAN-FILHO, M.; MACHADO, O. L. (Orgs.). *Juventude e Movimento estudantil: ontem e hoje*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.

LUCK, Heloísa. *A gestão participativa na Escola*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

[1] Graduanda do curso de Pedagogia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus* de Jequié/Ba. Bolsista de iniciação à docência do programa de iniciação à docência- PIBID/UESB, desenvolvido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES. E-mail: daiannesoares1991@gmail.com

[2] Graduada em Pedagogia pela UCSAL/Ba, Pós-graduada em Educação Infantil pela UNEB/Salvador-BA e em Psicopedagogia Institucional pela FIEF/Jequié-Ba. Coordenadora Pedagógica do Colégio Estadual Américo Simas, Lauro de Freitas/BA. Supervisora do Programa de Iniciação à Docência – PIBID, Subprojeto de Gestão Pedagógica, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. E-mail: grendaluz@yahoo.com.br

[3] Professor-Orientador. Graduação em pedagogia pela Faculdade de Educação da Bahia. Professora assistente – UESB. Mestra em Educação - NPGED/UFS; Formação em Psicanálise clínica - SBEP, Especialização em Educação Infantil - UNEB e formação em psicologia Social-CIEG. Coordenadora do subprojeto de Pedagogia-Gestão Pedagógica/Ensino Médio do programa de iniciação à docência- PIBID. E-mail: lucimatos@yahoo.com.br

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: